

BETTY FRIEDAN

A MÍSTICA
FEMININA

Tradução de
Carla Bitelli e Flávia Yacubian

Revisão de tradução de
Bhuvi Libanio e Marina Vargas

1ª edição



Rio de Janeiro
2020

Copyright © 1963 by Betty Friedan

Os direitos morais da autora foram assegurados.

Design e ilustração de capa: Juliana Misumi

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F946m Friedan, Betty, 1921-2006
A mística feminina [recurso eletrônico] / Betty Friedan;
tradução Carla Bitelli, Flávia Yacubian; revisão de tradução Bhuvi
Libanio, Marina Vargas. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Rosas dos
Tempos, 2020.
recurso digital

Tradução de: The feminine mystique

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-01-11973-5 (recurso eletrônico)

1. Teoria feminista. 2. Feminismo – Estados Unidos. 3.
Mulheres – Condições sociais – Estados Unidos. 4. Livros
eletrônicos. I. Bitelli, Carla. II. Yacubian, Flávia. III. Libanio,
Bhuvi. IV. Vargas, Marina. V. Título.

20-62885

CDD: 305.420973

CDU: 141.72(73)

Leandra Felix da Cruz Candido – Bibliotecária – CRB-7/6135

Todos os direitos reservados. É proibido reproduzir, armazenar ou transmitir partes deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos desta edição adquiridos pela

EDITORA ROSA DOS TEMPOS

Um selo da

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000.

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

sac@record.com.br

Produzido no Brasil

2020

*Para todas as novas mulheres
e todos os novos homens.*

SUMÁRIO

Prefácio e agradecimentos

1. O problema sem nome
2. A feliz heroína *esposa dona de casa*
3. A crise na identidade da mulher
4. A jornada apaixonada
5. O solipsismo sexual de Sigmund Freud
6. A paralisia funcional, o protesto feminino e Margaret Mead
7. Educadores orientados pelo sexo
8. A escolha errada
9. Comércio orientado pelo sexo
10. As tarefas domésticas expandem para ocupar o tempo disponível
11. Pessoas em busca de sexo
12. Desumanização progressiva: o campo de concentração confortável
13. O *self* perdido
14. Um novo plano de vida para as mulheres

Epílogo

Pensando no passado e no futuro

Metamorfose: duas gerações depois

Introdução à edição de 10º aniversário

Índice

PREFÁCIO E AGRADECIMENTOS

Aos poucos, e por um bom tempo sem perceber claramente, percebi que há algo muito errado no modo de viver das mulheres estadunidenses de hoje. Notei isso primeiramente como um ponto de interrogação na minha própria vida, como esposa e mãe de três crianças pequenas, que com um pouco de culpa e, portanto, pouca convicção, quase sem querer, usava minha capacidade e meus conhecimentos em um trabalho que me tirava de casa. Foi esse ponto de interrogação pessoal que, em 1957, me levou a submeter minhas colegas de faculdade a um questionário minucioso, quinze anos depois de nossa formatura na Smith. As respostas dadas por duzentas mulheres a questões íntimas e abertas me fizeram perceber que o que havia de errado não poderia estar relacionado com a educação como ela era concebida na época. Os problemas e a satisfação em sua vida, e na minha, e o modo como nossa educação tinha contribuído para isso, simplesmente não se encaixavam na imagem da mulher estadunidense moderna como descrita nas revistas femininas, estudada e analisada em salas de aula e clínicas, louvada e amaldiçoada em uma enxurrada incessante

de palavras desde o fim da Segunda Guerra Mundial. Havia uma estranha discrepância entre a realidade de nossa vida como mulheres e a imagem à qual tentávamos nos adequar, imagem que passei a chamar de mística feminina. Eu me perguntava se outras mulheres enfrentavam essa mesma divisão esquizofrênica, e o que isso significava.

Então comecei a investigar as origens da mística feminina e seu efeito sobre as mulheres que viviam de acordo com ela ou cresceram de acordo com seus princípios. Meus métodos eram simplesmente os de uma repórter atrás de uma história, mas logo descobri não se tratar de uma história simples. Pois o surpreendente padrão que começou a surgir, conforme uma pista me levava a outra em campos mais amplos do pensamento e da vida modernos, desafiava não apenas a imagem convencional, mas as suposições psicológicas básicas sobre as mulheres. Encontrei algumas peças do quebra-cabeça em estudos anteriores; mas não muitas, pois as mulheres no passado haviam sido estudadas nos termos da mística feminina. Havia o provocativo estudo Mellon sobre as mulheres de Vassar, os *insights* de Simone de Beauvoir sobre as mulheres francesas e o trabalho de Mirra Komarovsky, A. H. Maslow e Alva Myrdal. Achei ainda mais interessante o crescente corpo do novo pensamento psicológico sobre a questão da identidade masculina, cujas implicações para as mulheres pareciam ter passado despercebidas. Encontrei mais evidências ao questionar aqueles que tratam doenças e problemas de mulher. E tracei o crescimento da mística ao conversar com editores de revistas femininas, pesquisadores da publicidade motivacional e especialistas teóricos que estudavam as mulheres em campos

como psicologia, psicanálise, antropologia, sociologia e educação familiar. Mas o quebra-cabeça só começou a se encaixar quando entrevistei com mais profundidade, durante períodos que variaram de duas horas a dois dias cada, oitenta mulheres em momentos cruciais de seu ciclo de vida – meninas no ensino médio e na faculdade enfrentando ou evitando a questão sobre quem eram; jovens donas de casa e mães para quem, se a mística estivesse certa, essa questão não deveria existir e que, portanto, não tinham um nome para o problema que as afligia; e mulheres que, aos 40 anos, estavam diante de um novo ponto de partida. Essas mulheres, algumas torturadas, outras serenas, forneceram-me as pistas finais e a acusação mais grave contra a mística feminina.

Eu não poderia, contudo, ter escrito este livro sem a ajuda de muitos especialistas, tanto teóricos importantes quanto profissionais da área, e, na verdade, sem a cooperação de muitos que acreditam na mística feminina e ajudam a perpetrá-la. Tive a ajuda de atuais e antigos editores de revistas femininas, incluindo Peggy Bell, John English, Bruce Gould, Mary Ann Guitar, James Skardon, Nancy Lynch, Geraldine Rhoads, Robert Stein, Neal Stuart e Polly Weaver; de Ernest Dichter e da equipe do Instituto de Pesquisa Motivacional; e de Marion Skedgell, antiga editora da Viking Press, que me forneceu seus dados de um estudo inacabado sobre heroínas da ficção. Entre os cientistas comportamentais, teóricos e terapeutas da área, devo muito a William Menaker e John Landgraf, da Universidade de Nova York; A. H. Maslow, de Brandeis; John Dollard, de Yale; William J. Goode, de Columbia; Margaret Mead; Paul Vahanian, do Teachers

College; Elsa Siipola Israel e Eli Chinoy, da Smith. E ao dr. Andras Angyal, psicanalista de Boston; ao dr. Nathan Ackerman, de Nova York; ao dr. Louis English e à dra. Margaret Lawrence, do Centro para Saúde Mental do condado de Rockland; e a muitos profissionais da área de saúde mental do condado de Westchester, incluindo a sra. Emily Gould, o dr. Gerald Fountain, a dra. Henrietta Glatzer e Marjorie Ilgenfritz, do Centro de Orientação de New Rochelle, e ao reverendo Edgar Jackson; ao dr. Richard Gordon e a Katherine Gordon, do condado de Bergen, Nova Jersey; ao falecido dr. Abraham Stone, à dra. Lena Levine e a Fred Jaffe, da Associação de Planejamento Familiar; à equipe do Centro James Jackson Putnam, em Boston, à dra. Doris Menzer e ao dr. Somers Sturges, do Hospital Peter Bent Brigham; a Alice King, do Centro de Aconselhamento de Ex-alunos, e ao dr. Lester Evans, do Fundo da Commonwealth. Também sou grata aos educadores que lutam com valentia contra a mística feminina e que me deram *insights* úteis: Laura Bornholdt, da Wellesley University; Mary Bunting, da Radcliffe University; Marjorie Nicolson, da Universidade de Columbia; Esther Lloyd Jones, do Teachers College; Millicent McIntosh, de Barnard; Esther Raushenbush, da Sarah Lawrence; Thomas Mendenhall, da Smith; Daniel Aaron e muitos outros membros do corpo docente da Smith. E acima de tudo sou grata às mulheres que dividiram seus problemas e sentimentos comigo, começando pelas duzentas mulheres da Universidade Smith, 1942, e Marion Ingersoll Howell e Anne Mather Montero, que trabalharam comigo no questionário para ex-alunas que deu início à minha pesquisa.

Sem a magnífica instituição que é a Sala Frederick Lewis Allen, da Biblioteca Pública de Nova York, e o espaço tranquilo que proporciona ao escritor para trabalhar, além do acesso permanente às fontes de pesquisa, esta mãe de três nunca teria começado a escrever um livro, muito menos o teria terminado. O mesmo pode ser dito do apoio sensível de meu *publisher*, George P. Brockway, meu editor, Burton Beals, e minha agente, Martha Winston. Em um sentido mais amplo, este livro nunca teria sido escrito se eu não tivesse me beneficiado de uma formação incomum em psicologia, graças a Kurt Koffka, Harold Israel, Elsa Siipola e James Gibson, na Universidade Smith; Kurt Lewin, Tamara Dembo e os outros de seu grupo à época na Universidade de Iowa; e a E. C. Tolman, Jean Macfarlane, Nevitt Sanford e Erik Erikson, em Berkeley – uma educação liberal, no melhor sentido, destinada a ser usada, embora eu não a tenha usado conforme o originalmente planejado.

Os *insights*, as interpretações, tanto das teorias quanto dos fatos, e os valores implícitos neste livro são inevitavelmente meus. Contudo, sejam ou não definitivas as respostas que apresento aqui – e há muitas questões sobre as quais cientistas sociais devem se aprofundar –, o dilema da mulher estadunidense é real. Agora, muitos especialistas, por fim forçados a reconhecer o problema, redobram seus esforços para ajustar a mulher a ele nos termos da mística feminina. Minhas respostas podem perturbar tanto os especialistas quanto as mulheres, pois implicam mudanças sociais. Mas não haveria sentido em escrever este livro se eu não acreditasse que a mulher pode afetar a sociedade, da mesma maneira que é

afetada por ela; que, no fim, a mulher, assim como o homem, tem o poder de escolher, de criar seu próprio céu ou inferno.

Grandview, Nova York
Junho de 1957-Julho de 1962

1. O problema sem nome

O problema permaneceu oculto, silenciado, por muitos anos na mente das mulheres estadunidenses. Era uma inquietude estranha, uma sensação de insatisfação, um desejo que afligia as mulheres na metade do século XX nos Estados Unidos. Cada dona de casa suburbana lidava com ele sozinha. Enquanto arrumava as camas, fazia compras, escolhia o tecido para forrar o sofá, comia sanduíches de pasta de amendoim com as crianças, fazia as vezes de motorista de escoteiros, deitava ao lado do marido à noite... temia fazer a si mesma a pergunta silenciosa: “Isso é tudo?”

Por mais de quinze anos, não houve sequer uma palavra sobre esse desejo dentre as milhões escritas sobre mulheres, e para mulheres em todas as colunas, livros e artigos de especialistas que lhes diziam que o papel delas era buscar se satisfazer como esposas e mães. Repetidamente, as mulheres ouviam as vozes da tradição e da sofisticação freudiana dizerem que elas não poderiam desejar melhor destino do que se regozijar com a própria feminilidade. Os especialistas lhes explicavam como fisgar e manter um homem, como

amamentar os filhos e fazer o desfralde; como lidar com a rivalidade entre irmãos e a rebeldia adolescente; como comprar uma lava-louça, assar pão, cozinhar *escargots* e construir uma piscina com as próprias mãos; como se vestir, aparentar e agir de forma mais feminina e tornar o casamento mais excitante; como evitar que o marido morresse jovem e que os filhos virassem delinquentes. Ensinavam-lhes a ter pena das mulheres neuróticas, masculinizadas e infelizes que queriam ser poetas, físicas ou presidentas. Aprendiam que as mulheres realmente femininas não desejavam carreira, educação superior, direitos políticos – a independência e as oportunidades pelas quais as antigas feministas lutaram. Algumas mulheres, aos 40 ou 50 anos, ainda se lembravam dolorosamente de ter abandonado esses sonhos, mas a maioria das mais jovens sequer pensava nisso. Milhares de vozes de especialistas aplaudiam sua feminilidade, sua conformidade, sua nova maturidade. Tudo o que precisavam fazer era devotar a vida, desde a mais tenra idade, a encontrar um marido e ter filhos.

No fim da década de 1950, a média de idade com que uma mulher se casava nos Estados Unidos caiu para 20 anos, e não parou de cair, chegando à adolescência. Havia 14 milhões de meninas noivas aos 17 anos. A proporção de mulheres frequentando uma faculdade em comparação com os homens caiu de 47%, em 1920, para 35%, em 1958. Um século antes, as mulheres haviam lutado pelo acesso ao ensino superior; agora as meninas entravam na faculdade para arranjar marido. Em meados da década de 1950, 60% delas abandonavam a faculdade para se casar ou por temerem que o excesso de educação fosse um obstáculo para o casamento. As faculdades

construíram dormitórios para “estudantes casados”, mas esses estudantes eram quase sempre os maridos. Um novo diploma foi instituído para as esposas: “Ph.T.” (Putting Husband Trough).*

Então, as garotas estadunidenses começaram a se casar ainda no ensino médio. E as revistas femininas, lamentando as estatísticas infelizes resultantes desses enlaces prematuros, instigaram a implementação de cursos sobre casamento e a presença de conselheiros matrimoniais nas escolas. As meninas começaram a namorar sério a partir dos 12 ou 13 anos, no ensino fundamental. Empresas comercializavam sutiãs com enchimento de espuma para garotinhas de 10. E um anúncio de um vestido infantil, nos tamanhos de 3 a 6, publicado no *New York Times* no outono de 1960, dizia: “Ela também pode fisgar um marido.”

No fim da década de 1950, a taxa de natalidade nos Estados Unidos ultrapassava a da Índia. O movimento em prol do controle de natalidade, renomeado de Planejamento Familiar, foi exortado a encontrar um método por meio do qual mulheres, após serem informadas de que um terceiro ou quarto filho nasceria morto ou com alguma deficiência, pudessem tê-lo mesmo assim. As pessoas que faziam estatísticas ficaram especialmente espantadas com o incrível aumento no número de bebês entre as estudantes universitárias. Mulheres que antes tinham dois filhos passaram a ter quatro, cinco ou seis. Jovens que antes desejavam ter uma carreira agora se dedicavam à carreira da maternidade. Foi o que festejou a revista *Life* em 1956, em uma ode ao fato de as estadunidenses estarem voltando ao lar.

Em um hospital de Nova York, uma mulher teve uma crise nervosa ao descobrir que não poderia amamentar o filho. Em outros hospitais, mulheres morrendo em decorrência de câncer recusavam um medicamento que comprovadamente poderia salvar sua vida: os efeitos colaterais eram considerados pouco femininos. “Se eu tenho apenas uma vida, quero vivê-la loira”, proclamava a imagem de uma mulher linda e sem expressão em anúncios veiculados em jornais, revistas e cartazes de farmácias. E em todos os Estados Unidos, três em cada dez mulheres pintavam o cabelo de loiro. Comiam um pó chamado Metrecal, em vez de comida, para ficar com as medidas das modelos jovens e magras. Compradores de lojas de departamento relatavam que, desde 1939, as estadunidenses tinham passado a vestir roupas três ou quatro números menores. “As mulheres querem caber nas roupas, e não o contrário”, disse um comprador.

Decoradores projetavam cozinhas com murais de mosaico e pinturas originais, pois as cozinhas tinham voltado a ser o centro da vida das mulheres. Costurar em casa se tornou uma indústria milionária. Muitas mulheres não saíam mais de casa a não ser para fazer compras, levar as crianças aos compromissos ou comparecer a eventos sociais com o marido. Meninas cresciam sem jamais trabalhar fora de casa. No fim da década de 1950, um fenômeno sociológico foi subitamente observado: um terço das estadunidenses trabalhavam, mas a maioria não era mais jovem e poucas estavam interessadas em seguir carreira. Eram mulheres casadas que tinham empregos de meio período, como vendedoras ou secretárias, para ajudar a pagar os estudos do marido, a faculdade dos filhos ou o financiamento

da casa. Ou eram viúvas responsáveis pelo sustento da família. Cada vez menos mulheres se tornavam profissionais. A diminuição no número de enfermeiras, assistentes sociais e professoras provocou crises em quase todas as cidades do país. Preocupados com a liderança da União Soviética na corrida espacial, cientistas perceberam que a maior fonte de capacidade intelectual não utilizada nos Estados Unidos eram as mulheres. Mas as meninas não queriam estudar física: era “pouco feminino”. Uma garota recusou uma bolsa de ciências na Johns Hopkins em troca de uma vaga em uma agência imobiliária. Sua ambição era o que toda garota estadunidense desejava: se casar, ter quatro filhos e morar em uma boa casa em um bairro agradável do subúrbio.

A dona de casa suburbana era o sonho de toda jovem estadunidense e causava inveja, diziam, em mulheres ao redor do mundo. A dona de casa estadunidense, libertada, pela ciência e pelos eletrodomésticos modernos, do trabalho duro, dos riscos do parto e das doenças de suas avós, era saudável, bonita, educada, preocupada apenas com o marido, os filhos e o lar. Havia encontrado a verdadeira realização feminina. Dona de casa e mãe, era respeitada como parceira completa e em pé de igualdade com o marido no mundo dele. Era livre para escolher automóveis, roupas, eletrodomésticos, supermercados e tinha tudo o que as mulheres sempre sonharam.

Nos quinze anos após a Segunda Guerra Mundial, a mística da realização feminina tornou-se o cerne estimado e vicioso da cultura estadunidense contemporânea. Milhões de mulheres viviam sua vida à imagem das belas fotografias das donas de casa suburbanas, dando um beijo de despedida no marido

diante da janela principal, estacionando a perua cheia de crianças em frente à escola e sorrindo enquanto passavam a enceradeira elétrica no chão imaculado da cozinha. Faziam os próprios pães, costuravam as próprias roupas e as das crianças, colocavam as máquinas de lavar e secar novas para funcionar o dia todo. Trocavam os lençóis duas vezes por semana em vez de uma, faziam cursos de tapeçaria e lamentavam pela própria pobre e frustrada mãe, que sonhava em ter uma carreira. O único sonho delas era serem esposas e mães perfeitas; a maior ambição, ter cinco filhos e uma bela casa; a única luta, conseguir e manter um marido. Não pensavam nos problemas pouco femininos do mundo fora de casa; queriam que o homem tomasse as decisões mais importantes. Regozijavam-se no seu papel de mulher e escreviam com orgulho na pesquisa do censo: “Ocupação: *esposa dona de casa.*”

Por mais de quinze anos, as palavras escritas para mulheres e as palavras que as mulheres usavam ao conversar umas com as outras, enquanto os maridos sentavam-se do outro lado da sala e falavam sobre negócios, política ou fossas sépticas, eram sobre problemas com os filhos, como fazer o marido feliz, como melhorar as notas das crianças na escola, como assar um frango ou costurar capas para o sofá. Ninguém discutia se as mulheres eram inferiores ou superiores aos homens; elas eram apenas diferentes. Palavras como “emancipação” ou “carreira” soavam estranhas e constrangedoras; fazia anos que ninguém as usava. Quando uma francesa chamada Simone de Beauvoir escreveu um livro intitulado *O segundo sexo*, um crítico estadunidense comentou que ela obviamente “não entendia nada da vida” e,

além disso, estava falando sobre as mulheres francesas. O “problema da mulher” não existia nos Estados Unidos.

Nas décadas de 1950 e 1960, quando uma mulher tinha um problema, ela sabia que devia haver algo errado em seu casamento ou nela mesma. Outras mulheres estavam satisfeitas com a própria vida, pensava. Que tipo de mulher ela seria se não sentisse uma plenitude misteriosa ao encerrar o chão da cozinha? Tinha tanta vergonha em admitir sua insatisfação que não fazia ideia de quantas outras mulheres compartilhavam dela. Se tentava conversar com o marido, ele não compreendia o que ela estava falando. Ela mesma não entendia. Por mais de quinze anos, as estadunidenses tiveram mais dificuldade de falar disso do que sobre sexo. Nem mesmo os psicoterapeutas tinham um nome para isso. Quando uma mulher procurava um psiquiatra, como muitas faziam, ela dizia: “Estou com tanta vergonha” ou “Eu devo ser uma neurótica incurável”. “Não sei o que há de errado com as mulheres hoje em dia”, um psiquiatra suburbano admitiu, incomodado. “Só sei que há algo errado porque a maioria dos meus pacientes é mulher. E o problema delas não é sexual.” A maioria das mulheres com esse problema, no entanto, não buscava ajuda terapêutica. “Na verdade não há nada de errado”, diziam a si mesmas. “Não há nenhum problema.”

Mas em uma manhã de abril de 1959, ouvi uma mãe de quatro filhos, tomando café com quatro outras mães em um bairro novo no subúrbio, a 25 quilômetros de Nova York, dizer em um tom de desespero contido: “o problema”. E as outras souberam, sem que nada mais precisasse ser dito, que ela não se referia a um problema com o marido, os filhos ou a casa.

Subitamente, elas se deram conta de que todas compartilhavam do mesmo problema, do problema sem nome. Começaram, hesitantes, a falar a respeito. Mais tarde, depois de pegar os filhos na creche e os levar para casa para tirar uma soneca, duas delas choraram, de puro alívio, simplesmente por saberem que não estavam sós.

•

Aos poucos, percebi que o problema sem nome era compartilhado por diversas mulheres nos Estados Unidos. Como redatora de revista, com frequência entrevistava mulheres a respeito de seus problemas com os filhos, o casamento, a casa, a comunidade. Mas depois de algum tempo passei a reconhecer os sinais reveladores desse outro problema. Via os mesmos indicadores nas casas de apenas um andar no subúrbio e nas casas de dois andares em Long Island, em Nova Jersey e no condado de Westchester; em casas coloniais em uma cidadezinha do estado de Massachusetts; em quintais em Memphis; em apartamentos no centro e no subúrbio; nas salas de estar do Meio-Oeste estadunidense. Às vezes, eu pressentia o problema não como repórter, mas como dona de casa suburbana, pois nessa mesma época eu também criava meus três filhos no condado de Rockland, em Nova York. Ouvia ecos do problema nos dormitórios universitários e nas alas semiprivativas de maternidades, em reuniões de pais e professores e almoços da Liga das Mulheres Eleitoras, em coquetéis no subúrbio, em peruas esperando a passagem de trens e em trechos de conversas entreouvidas em restaurantes.

As palavras titubeantes que eu escutava de outras mulheres, em tardes calmas quando as crianças estavam na escola ou em noites calmas quando os maridos chegavam mais tarde do trabalho, penso tê-las entendido como mulher bem antes de compreender suas implicações sociais e psicológicas mais amplas.

O que exatamente era esse problema sem nome? Quais eram as palavras que as mulheres usavam quando tentavam expressá-lo? Às vezes, uma dizia: “Eu me sinto vazia de alguma maneira... incompleta.” Ou: “Parece que eu não existo.” Às vezes, ela tentava esquecer esse sentimento com um calmante. Às vezes, pensava que o problema estava no marido, nos filhos, ou que precisava redecorar a casa, mudar-se para um bairro melhor, ter um amante ou outro bebê. Às vezes, ia ao médico com sintomas que mal sabia descrever: “Sensação de cansaço... Fico tão brava com as crianças que me assusto... Tenho vontade de chorar sem motivo.” (Um médico de Cleveland chamou isso de “síndrome da dona de casa”.) Muitas me contaram sobre grandes bolhas de sangue que surgiam nas mãos e nos braços. “Eu chamo isso de ‘mal da dona de casa’”, disse um médico de família da Pensilvânia. “Vejo isso com frequência em jovens com quatro, cinco, seis filhos, mergulhadas em bacias de lavar louça. Mas as bolhas não são causadas pelo detergente e não se curam com cortisona.”

Às vezes, uma mulher me dizia que a sensação podia ficar tão intensa que ela saía correndo de casa e vagava pelas ruas. Ou ficava em casa e chorava. Ou os filhos contavam uma piada, mas ela não ria, porque não estava ouvindo. Conversei com mulheres que haviam passado anos no divã, elaborando sua

“adequação ao papel feminino”, os bloqueios à “realização como esposa e mãe”. Mas o tom desesperado na voz dessas mulheres e seu olhar eram iguais ao tom e ao olhar de outras mulheres, aquelas que tinham certeza de não ter problema nenhum, ainda que estivessem tomadas por uma estranha sensação de desespero.

Uma mãe de quatro que havia largado a faculdade aos 19 anos para se casar me contou:

Tentei tudo o que a mulheres supostamente deveriam fazer: hobbies, jardinagem, fazer conservas, ser muito sociável com os vizinhos, fazer parte de comitês, organizar chás de pais e professores. Posso fazer tudo isso, e gosto, mas isso não dá a você nada em que pensar... nenhuma ideia de quem você seja. Nunca ambicionei ter uma carreira. Tudo o que eu queria era me casar e ter quatro filhos. Amo meus filhos, Bob e meu lar. Não há nenhum problema que eu possa nomear. Mas me sinto desesperada. Começo a achar que não tenho personalidade. Sirvo comida, visto calças, arrumo camas, me chamam quando querem alguma coisa. Mas quem sou eu?

Uma mãe de 23 anos, vestindo calça jeans, disse:

Eu me pergunto por que estou tão insatisfeita. Tenho saúde, filhos ótimos, uma linda casa nova, dinheiro suficiente. Meu marido tem futuro como engenheiro eletrônico. Ele não sente nada disso. Ele diz que talvez eu precise de umas férias, sugere passarmos o fim de semana

em Nova York. Mas não é isso. Sempre pensei que devíamos fazer tudo juntos. Não consigo me sentar sozinha para ler um livro. Se as crianças estão tirando uma soneca e eu tenho uma hora para mim, simplesmente ando pela casa até eles acordarem. Não decido nada até saber o que as outras pessoas vão fazer. É como se, desde que você era uma menina, houvesse sempre alguém ou alguma coisa que ia decidir a sua vida: seus pais, a faculdade, uma paixão, ter filhos ou mudar de casa. E então você acorda certa manhã e não há nada mais pelo que esperar.

Uma jovem esposa de um conjunto residencial em Long Island disse:

Eu durmo muito. Não sei por que fico tão cansada. A casa não é tão difícil de limpar quanto o apartamento sem água quente que tínhamos quando eu trabalhava. As crianças ficam na escola o dia inteiro. Não é o trabalho. Eu simplesmente não me sinto viva.

Em 1960, o problema sem nome estourou como um furúnculo na imagem da dona de casa estadunidense feliz. Nos comerciais de televisão, as belas donas de casa ainda sorriam ao lavar louça, e a reportagem de capa da revista *Time* intitulada “A esposa suburbana, um fenômeno estadunidense” afirmava solenemente: “Se divertindo demais... para acreditar que poderiam ser infelizes.” A tristeza real da dona de casa estadunidense, no entanto, começou a ser relatada – do *New York Times* e da revista *Newsweek* à revista *Good Housekeeping*

e ao canal CBS (*The Trapped Housewife* [A dona de casa presa]) –, embora quase todos que falassem a respeito encontrassem alguma razão superficial para desprezar o problema. Ele era atribuído à incompetência da assistência técnica de aparelhos domésticos (*New York Times*), à distância que era preciso percorrer com as crianças de carro no subúrbio (*Time*) e ao excesso de reuniões de pais e professores (*Redbook*). Alguns diziam que era o velho problema: educação. Cada vez mais mulheres tinham acesso à educação, o que as deixava infelizes em seu papel de donas de casa. “O caminho de Freud para os eletrodomésticos Frigidaire, de Sófocles para o dr. Spock** se provou tortuoso”, relatou o *New York Times* (28 de junho de 1960). “Muitas jovens mulheres – certamente não todas –, cuja educação as mergulhou em um mundo de ideias, sentem-se sufocadas em casa. Consideram a vida rotineira deslocada da educação que receberam. Como se fossem incapazes, elas se sentem excluídas. No último ano, o problema das donas de casa instruídas forneceu o conteúdo para dezenas de discursos proferidos por aflitos reitores de faculdades para mulheres que afirmam, diante das reclamações, que dezesseis anos de formação acadêmica são uma preparação realista para a vida de casada e a maternidade.”

Havia muita compaixão pela dona de casa instruída. (“Como um esquizofrênico com dupla personalidade [...] Antes ela escrevia ensaios sobre os poetas românticos ingleses; agora escreve bilhetes para o leiteiro. Antes determinava o ponto de ebulição do ácido sulfúrico; agora determina seu ponto de ebulição diante do técnico que atrasa o conserto [...]. A dona de casa com frequência se vê aos berros e aos prantos

[...]. Ao que parece, ninguém, muito menos ela mesma, demonstra reconhecimento pelo tipo de pessoa que ela se tornou no processo de transformação de poetisa em megera.”)

Especialistas em economia doméstica sugeriram uma preparação mais realista para as donas de casa, por exemplo, oficinas sobre eletrodomésticos no ensino médio. Professores universitários sugeriram mais grupos de discussão sobre administração do lar e da família, a fim de preparar as mulheres para a vida doméstica. Uma série de artigos oferecendo “58 maneiras de animar seu casamento” apareceu em revistas populares. Todo mês, um psiquiatra ou sexólogo lançava um livro com conselhos técnicos sobre como obter mais satisfação no sexo.

Um humorista fez uma piada na *Harper's Bazaar* (julho de 1960) dizendo que o problema poderia ser resolvido tirando das mulheres o direito de votar. (“Na era pré-19^a Emenda, a mulher estadunidense era plácida, protegida, certa de seu papel na sociedade. Ela deixava o marido tomar todas as decisões políticas, e ele, por sua vez, deixava todas as decisões relativas à família para ela. Hoje, a mulher precisa tomar decisões sobre a família e sobre política, e é excessivo para ela.”)

Muitos educadores sugeriram seriamente que as mulheres não fossem mais aceitas nos cursos de graduação com duração de quatro anos em faculdades e universidades: na crescente crise universitária, a formação que as garotas não podiam usar como donas de casa era urgentemente mais necessária do que nunca para que os garotos fizessem o trabalho da era atômica.

O problema também era minimizado com soluções drásticas que ninguém levava a sério. (Uma jornalista da

Harper's Bazaar propôs que as mulheres fossem recrutadas para o serviço obrigatório como auxiliares de enfermagem e babás.) E resolvido com as panaceias de sempre: “o amor é a resposta”, “a resposta está dentro de nós”, “o segredo da plenitude: filhos”, “um modo particular de realização intelectual”, “para curar o sofrimento do espírito, a fórmula simples é entregar a si mesmo e seus desejos à vontade a Deus”.¹

O problema era minimizado dizendo à dona de casa que ela não percebia como tinha sorte: era sua própria chefe, não batia ponto, não tinha nenhum estagiário querendo roubar sua vaga. E daí que não fosse feliz? Ela achava que todo homem no mundo era feliz? Será que na verdade ainda desejava secretamente ser homem? Será que ainda não tinha se dado conta de como tinha sorte por ser mulher?

Por fim, o problema também era minimizado quando se dizia que não havia solução: ser mulher é isso; o que há de errado com as estadunidenses que não conseguem aceitar seu papel com graciosidade? De acordo com a *Newsweek* (7 de março de 1960):

Ela está insatisfeita com uma sorte com a qual mulheres de outros países podem apenas sonhar. Sua insatisfação é profunda, difusa e insensível aos remédios superficiais disponíveis [...]. Um exército de exploradores profissionais já mapeou as maiores fontes de inquietação [...]. Desde o começo dos tempos, o ciclo feminino definiu e confinou o papel da mulher. Conforme se acredita a Freud: “Anatomia é destino.” Embora nenhum grupo de mulheres tenha ampliado tanto esses limites naturais

quanto a esposa estadunidense, ela ainda parece não conseguir aceitá-los de bom grado [...]. Uma jovem mãe com uma bela família, charme, talento e inteligência é capaz de desprezar seu papel, contrita. “O que eu faço?”, ela diz. “Ora, nada. Sou apenas uma dona de casa.” Uma boa educação, ao que parece, modelo de perfeição entre as mulheres, uma compreensão sobre o valor de tudo menos delas mesmas [...].

Então ela precisa aceitar o fato de que “a infelicidade das mulheres estadunidenses é apenas a mais recente conquista na luta pelos direitos das mulheres”, ajustar-se e repetir com a dona de casa feliz encontrada pela *Newsweek*: “Precisamos festejar a maravilhosa liberdade que todas temos e nos orgulhar de nossa vida hoje. Eu frequentei a faculdade e trabalhei, mas ser dona de casa é o papel mais gratificante e satisfatório de todos [...]. Minha mãe nunca foi incluída nas questões de negócios do meu pai [...] ela não podia sair de casa nem se afastar dos filhos. Mas eu sou igual ao meu marido; posso acompanhá-lo em viagens de negócios e em eventos de trabalho.”

A alternativa oferecida era uma escolha que poucas considerariam. Nas palavras complacentes do *New York Times*: “Todas admitem se sentir profundamente frustradas por causa da falta de privacidade, da carga física, da rotina da vida em família, do confinamento que ela impõe. No entanto, nenhuma delas abriria mão do lar e da família se pudesse escolher de novo.” A revista *Redbook* comentou: “Poucas mulheres gostariam de dar as costas a maridos, filhos e comunidade para

seguir sozinhas. Aquelas que o fazem podem ser pessoas talentosas, mas raramente são mulheres de sucesso.”

No ano em que o descontentamento das mulheres transbordou, também foi reportado (*Look*) que mais de 21 milhões de estadunidenses solteiras, viúvas ou divorciadas, não desistiam, mesmo depois dos 50 anos, da busca frenética e desesperada por um homem. E a busca começa cedo: 70% das estadunidenses se casam antes dos 24 anos. Uma bela secretária de 25 anos teve 35 empregos diferentes em seis meses na expectativa inútil de arrumar um marido. Mulheres trocavam de partido político, faziam cursos noturnos de contabilidade ou navegação, aprendiam a jogar golfe ou esqui, entravam para uma sucessão de igrejas, frequentavam bares sozinhas, na busca incessante por um homem.

Dos milhares de mulheres atualmente recebendo ajuda psiquiátrica particular nos Estados Unidos, as casadas estavam insatisfeitas com o casamento, e as solteiras sofriam de ansiedade e, por fim, de depressão. Curiosamente, muitos psiquiatras afirmaram que, em sua experiência, as solteiras eram mais felizes que as casadas. Então, uma fresta da porta daquelas casas bonitas do subúrbio se abriu, permitindo um vislumbre de incontáveis donas de casa que sofriam solitariamente de um problema do qual de repente todas as pessoas estavam falando e começando a menosprezar, como um desses problemas irrealis da vida estadunidense que não têm solução – como a bomba de hidrogênio. Em 1962, o sofrimento da dona de casa presa tinha se tornado um jogo nacional. Edições inteiras de revistas, colunas de jornal, livros sérios e

frívolos, conferências educacionais e debates televisivos foram dedicados ao problema.

Mesmo assim, a maioria dos homens, e algumas mulheres, ainda não sabiam que se tratava de um problema real. Mas aqueles que o enfrentavam com honestidade sabiam que todas as soluções superficiais, os conselhos complacentes, as palavras repreensivas e as palavras animadoras estavam de algum modo afundando o problema na irrealidade. Uma risada amarga começava a ser ouvida vinda das mulheres estadunidenses. Eram objeto de admiração, inveja, pena e teorias até ficarem fartas, eram-lhes oferecidas soluções drásticas ou escolhas estúpidas que ninguém levava a sério. Recebiam todo tipo de conselho do crescente exército de conselheiros especializados em casamento e criação de filhos, psicoterapeutas e psicólogos amadores sobre como se ajustar a seu papel de donas de casa. Em meados do século XX, nenhum outro caminho para a realização pessoal era oferecido às mulheres estadunidenses. A maioria se ajustava ao seu papel e sofria ou ignorava o problema sem nome. Pode ser menos doloroso, para uma mulher, não ouvir aquela voz estranha e insatisfeita se agitando dentro dela.

•

Não é mais possível ignorar essa voz, desprezar o desespero de tantas mulheres estadunidenses. Isso não é o que ser mulher significa, não importa o que os especialistas digam. Há sempre uma razão para o sofrimento humano; talvez ela não tenha sido encontrada porque as perguntas certas não foram feitas, ou

porque não se insistiu o suficiente. Não aceito a resposta de que não há problema porque as mulheres estadunidenses têm luxos com os quais outras mulheres, em outras épocas e outros países, jamais sonharam; parte da estranha novidade desse problema é que ele não pode ser compreendido nos termos dos velhos problemas materiais do homem: pobreza, doença, fome, frio. As mulheres que sofrem desse problema têm uma fome que alimento nenhum é capaz de saciar. Persiste em mulheres cujos maridos são estagiários e assistentes judiciais esforçados ou advogados e médicos prósperos; em esposas de trabalhadores ou executivos que ganham 5 mil ou 50 mil dólares por ano. Não é causado pela falta de vantagens materiais; pode até nem ser sentido por mulheres ocupadas com problemas desesperadores de fome, pobreza ou doença. E as que pensam que ele vai ser resolvido com mais dinheiro, uma casa maior, um segundo carro, a mudança para um bairro melhor, logo descobrem que ele se agrava.

Não é mais possível, hoje em dia, colocar a culpa pelo problema na perda da feminilidade: dizer que educação, independência e igualdade em relação aos homens tornaram as mulheres estadunidenses pouco femininas. Ouvi muitas mulheres tentarem negar essa voz insatisfeita dentro de si porque não se encaixa na bela imagem de feminilidade que os especialistas lhes forneceram. Eu acho, na verdade, que essa é a primeira pista para o mistério: o problema não pode ser compreendido nos termos geralmente aceitos pelos cientistas ao estudar as mulheres, pelos médicos ao tratá-las, pelos terapeutas ao aconselhá-las e pelos escritores ao escrever sobre elas. As mulheres que sofrem desse problema, nas quais essa voz está

despertando, passaram a vida toda em busca da realização feminina. Não são mulheres com uma carreira profissional (embora as mulheres com carreiras profissionais possam ter outros problemas); são mulheres cuja maior ambição foi casar e ter filhos. Para as mais velhas, as filhas da classe média estadunidense, nenhum outro sonho era possível. Aquelas na casa dos 40 e dos 50 anos que um dia tiveram outros sonhos, abandonaram-nos e se entregaram alegremente à vida de dona de casa. Para as mais jovens, as novas esposas e mães, esse era o único sonho. Foram elas que largaram a escola e a faculdade para se casar, ou marcaram passo em um emprego no qual não tinham interesse nenhum até se casarem. Essas mulheres são muito “femininas” no sentido habitual da palavra, e mesmo assim sofrem do problema.

Será que as mulheres que se formaram na faculdade, as mulheres que um dia tiveram sonhos que iam além do trabalho doméstico, são as que sofrem mais? De acordo com os especialistas, sim, mas ouçamos estas quatro mulheres:

Meus dias são sempre cheios, e chatos também. Eu fico o tempo todo para lá e para cá. Me levanto às oito, faço o café da manhã, depois lavo a louça, almoço, lavo mais louça, um pouco de roupa e limpo a casa à tarde. Depois, a louça do jantar, e consigo me sentar por alguns minutos até a hora de colocar as crianças para dormir... O meu dia se resume a isso. Igual ao de qualquer outra esposa. Monótono. Na maior parte do tempo, fico atrás das crianças.

Meu Deus, o que eu faço com meu tempo? Bem, eu acordo às seis. Visto meu filho e dou café da manhã. Depois disso lavo a louça, dou banho e alimento o bebê. Depois preparo o almoço e, enquanto as crianças tiram uma soneca, eu costuro, remendo ou passo roupa e faço tudo o que não consegui fazer antes do meio-dia. Depois faço a janta da família e meu marido assiste à TV enquanto eu lavo a louça. Depois que coloco as crianças na cama, arrumo o cabelo e vou dormir.

O problema é sempre ser a mãe das crianças, a esposa do pastor e nunca ser eu mesma.

Um filme sobre uma típica manhã na minha casa seria como uma velha comédia dos irmãos Marx. Eu lavo a louça, apresso os mais velhos para a escola, corro para o jardim para cuidar dos crisântemos, corro para dentro de novo para fazer uma ligação a respeito de uma reunião do comitê, ajudo o mais novo a montar uma casa com blocos, passo os olhos em 15 minutos pelo jornal para me informar, desço correndo para a lavanderia, onde três vezes por semana lavo uma quantidade de roupa que daria para manter um vilarejo vestido por um ano. Ao meio-dia, estou pronta para ir para o hospício. Muito pouco do que fiz foi realmente necessário ou importante. Pressões externas me chicoteiam ao longo de todo o dia. Ainda assim, me considero uma das donas de casa mais tranquilas do bairro. Muitas das minhas amigas vivem de forma ainda mais frenética. Nos últimos sessenta anos,

voltamos ao ponto de partida, e a dona de casa estadunidense está mais uma vez encerrada em uma gaiola. Mesmo que a gaiola agora seja uma casa moderna, acarpetada e com grandes vidraças, ou um confortável apartamento moderno, a situação não é menos dolorosa do que quando sua avó se debruçava sobre um bastidor de bordado em sua saleta adornada e resmungava furiosamente sobre os direitos das mulheres.

As duas primeiras mulheres nunca foram à faculdade. Moram em condomínios em Levittown, Nova Jersey, e Tacoma, e Washington, e foram entrevistadas por uma equipe de sociólogos conduzindo um estudo sobre esposas de trabalhadores.² A terceira, esposa de um pastor, escreveu, no questionário do encontro comemorativo de quinze anos de formatura na faculdade, que nunca teve ambições profissionais, mas agora lamentava não ter tido.³ A quarta, que tem doutorado em Antropologia, hoje é dona de casa em Nebraska e tem três filhos.⁴ As palavras delas parecem indicar que donas de casa de todos os graus de escolaridade são acometidas da mesma sensação de desespero.

O fato é que hoje ninguém resmunga furiosamente sobre “direitos das mulheres”, embora mais e mais mulheres tenham ido para a faculdade. Em um estudo recente com todas as turmas formadas em Barnard,⁵ uma minoria significativa das primeiras formandas culpava a própria educação por tê-las feito querer “direitos”, as turmas seguintes culpavam a educação por ter-lhes dado sonhos profissionais, mas as formandas mais recentes culpavam a faculdade por tê-las feito sentir que ser

simplesmente dona de casa e mãe não era o suficiente; elas não queriam se sentir culpadas por não ler livros ou participar de atividades comunitárias. Contudo, se a educação não é a causa do problema, o fato de que a educação de alguma forma as incomoda pode ser uma pista.

Se o segredo da realização feminina é ter filhos, nunca antes tantas mulheres, com a liberdade para escolher, tiveram tantos filhos, em um período tão curto, de tão bom grado. Se a resposta é o amor, nunca antes as mulheres procuraram o amor com tanta determinação. E, no entanto, há uma crescente suspeita de que o problema não seja sexual, embora de algum modo deva ter uma relação com sexo. Muitos médicos me relataram evidências de novos problemas sexuais entre marido e esposa: um desejo sexual tão grande da parte das mulheres que os maridos não são capazes de satisfazê-las. “Transformamos as mulheres em criaturas do sexo”, disse um psiquiatra na clínica de aconselhamento matrimonial Margaret Sanger. “Ela não tem identidade a não ser como esposa e mãe. Ela não sabe quem ela é. Espera o dia todo que o marido chegue, à noite, para fazer com que se sinta viva. E agora é o marido que não tem interesse. É terrível para as mulheres deitar-se na cama, noite após noite, esperando que o marido a faça se sentir viva.” Por que há um mercado tão grande para livros e artigos que oferecem conselhos sexuais? O tipo de orgasmo sexual que Kinsey*** encontrou em plenitude estatística nas gerações mais recentes de mulheres estadunidenses não parece ser capaz de resolver o problema.

Pelo contrário, surgem entre as mulheres novas neuroses – e problemas ainda não denominados como tais – que Freud e

seus seguidores não previram, acompanhados de sintomas físicos, ansiedade e mecanismos de defesa iguais aos causados pela repressão sexual. E estranhos novos problemas estão sendo relatados na crescente geração de filhos cujas mães sempre estiveram presentes, levando-os para todo lado, ajudando com a lição de casa: uma incapacidade de tolerar a dor e a disciplina ou de perseguir qualquer tipo de objetivo autossustentado, um tédio devastador diante da vida. Educadores estão cada vez mais preocupados com a dependência e a falta de autossuficiência dos meninos e meninas que entram nas faculdades atualmente. “Travamos uma batalha contínua para fazer com que nossos estudantes assumam sua condição de adultos”, disse o reitor da Universidade Columbia.

A Casa Branca realizou uma conferência para discutir a deterioração muscular e física das crianças estadunidenses: estariam recebendo excesso de cuidados? Sociólogos observaram a impressionante organização da vida das crianças que viviam nos subúrbios de classe média: aulas, festas, diversões, brincadeiras e grupos de estudos organizados para elas. Uma dona de casa suburbana de Portland, Oregon, perguntou-se por que as crianças “precisavam” de escoteiros ali. “Não estamos em um bairro pobre. As crianças aqui passam muito tempo ao ar livre. Acho que as pessoas estão tão entediadas que organizam a vida dos filhos e procuram envolver todo mundo. E as pobres crianças não têm tempo de simplesmente deitar na cama e sonhar acordadas.”

O problema sem nome pode estar de algum modo relacionado à rotina doméstica da dona de casa? Quando uma mulher tenta expressar em palavras o problema, muitas vezes

ela simplesmente descreve seu dia a dia. O que há no relato pormenorizado dos confortos domésticos que pode causar tamanha sensação de desespero? Será que ela está simplesmente presa pelas enormes demandas de seu papel como dona de casa moderna: esposa, amante, mãe, enfermeira, consumidora, cozinheira, motorista; especialista em decoração de interiores, cuidados infantis, manutenção de eletrodomésticos, reforma de móveis, nutrição e educação? O dia dela é fragmentado enquanto corre da lava-louças para a máquina de lavar roupas, do telefone para a secadora de roupas, da perua para o supermercado, deixa Johnny no treino de beisebol, leva Janey para a aula de dança, conserta o aparador de grama e recebe o marido que chega do trabalho. Ela não consegue dedicar mais de 15 minutos a uma tarefa; não tem tempo de ler livros, apenas revistas; mesmo se tivesse tempo, perdeu a capacidade de concentração. Ao fim do dia, está tão cansada que às vezes o marido precisa assumir a tarefa de pôr as crianças para dormir.

Essa enorme fadiga levou tantas mulheres ao médico na década de 1950 que um deles decidiu investigar. Ele descobriu, para sua surpresa, que suas pacientes que sofriam de “fadiga da dona de casa” dormiam mais do que o necessário para um adulto – por vezes até dez horas por dia – e que a energia que gastavam com o trabalho doméstico não estava além de sua capacidade. O verdadeiro problema devia ser outro, concluiu ele – talvez tédio. Alguns médicos aconselhavam que suas pacientes passassem um dia fora de casa, que fossem ao cinema na cidade. Outros receitavam calmantes. Muitas donas de casa dos subúrbios de classe média tomavam calmantes como se fossem pastilhas para a garganta. “Você acorda pela manhã com

a sensação de que não tem sentido viver mais um dia dessa forma. Então você toma um calmante porque ele faz com que você não se importe tanto com o fato de não ter sentido.”

É fácil ver os detalhes concretos que aprisionam a dona de casa dos subúrbios de classe média, as demandas contínuas de seu tempo. Mas as correntes que a prendem estão em sua própria mente e em seu próprio espírito. São correntes feitas de ideias errôneas e fatos mal interpretados, verdades incompletas e escolhas irreais. Não as enxergamos com facilidade nem nos livramos delas com facilidade.

Como uma mulher pode enxergar a verdade por inteiro, confinada nos limites de sua própria vida? Como pode acreditar na voz dentro de si mesma, quando essa voz nega as verdades aceitas e convencionadas com base nas quais ela sempre viveu? E, no entanto, as mulheres com quem conversei, que estão enfim escutando sua voz interior, parecem, de uma maneira incrível, estar tateando uma verdade que tem desafiado os especialistas.

Acredito que muitos especialistas de diferentes campos vêm analisando partes dessa verdade sob seus microscópios há muito tempo, sem se dar conta disso. Encontrei partes dela em novas pesquisas e desenvolvimentos teóricos nas áreas da psicologia e das ciências sociais e biológicas cujas implicações para as mulheres parecem nunca terem sido examinadas. Encontrei muitas pistas ao conversar com médicos, ginecologistas, obstetras, terapeutas de aconselhamento infantil, pediatras, orientadores de escolas de ensino médio, professores universitários, conselheiros matrimoniais, psiquiatras e pastores dos subúrbios de classe média, ao questioná-los não sobre suas

teorias, mas sobre sua experiência prática ao tratar mulheres estadunidenses. Tomei ciência de um conjunto crescente de evidências, grande parte das quais não foi divulgada publicamente, pois não se encaixavam nos modos correntes de se pensar sobre a mulher – evidências que lançam questionamentos sobre os padrões de normalidade feminina, adequação feminina, realização feminina e maturidade feminina de acordo com os quais a maioria das mulheres ainda tenta viver.

Comecei a ver sob uma estranha luz nova o retorno nos Estados Unidos ao casamento precoce e às famílias numerosas que causam a explosão populacional; o recente movimento de retorno ao parto natural e à amamentação; a conformidade suburbana; as novas neuroses, patologias da personalidade e problemas sexuais relatados pelos médicos. Comecei a ver novas dimensões para antigos problemas que havia muito vinham sendo subestimados entre as mulheres: dificuldades menstruais, frigidez sexual, promiscuidade, temores gestacionais, depressão pós-parto, alta incidência de colapso nervoso e suicídio entre mulheres na casa dos 20 e 30 anos de idade, crises de menopausa, a suposta passividade e imaturidade dos homens estadunidenses, a discrepância entre as habilidades intelectuais femininas comprovadas na infância e suas realizações na vida adulta, a mudança na incidência do orgasmo sexual adulto nas mulheres estadunidenses e a persistência de problemas na psicoterapia e na educação feminina.

Se eu estiver certa, o problema sem nome fervilhando na mente de tantas estadunidenses hoje em dia não é uma questão

de perda da feminilidade ou de excesso de educação, nem das demandas da vida doméstica. É bem mais importante do que se reconhece. É a chave para esses problemas, velhos e novos, que vêm torturando as mulheres, seus maridos e filhos, e vêm intrigando médicos e educadores há anos. Pode muito bem ser a chave para o nosso futuro como nação e cultura. Não podemos mais ignorar a voz dentro das mulheres que diz: “Quero algo mais que meu marido, meus filhos e meu lar.”

NOTAS

* “Ajudando o Marido a Passar”, em tradução livre. Um trocadilho com o título de Ph.D. (N. T.)

** Benjamin Spock, pediatra e autor de *The Common Sense Book of Baby and Child Care*, publicado em 1946 e considerado, à época, a bíblia da puericultura. No Brasil, a tradução foi publicada com o título de *Meu filho, meu tesouro*. (N. T.)

*** O dr. Alfred Kinsey foi um sexólogo estadunidense que, em 1947, fundou, com sua equipe de pesquisa, o Instituto de Pesquisa do Sexo, na Universidade de Indiana (hoje rebatizado de Instituto Kinsey para Pesquisa do Sexo, Gênero e Reprodução). Os Estudos de Kinsey foram uma extensa pesquisa cujo objetivo era compreender o comportamento sexual humano. Os resultados foram publicados na forma de dois livros: *Sexual Behavior in the Human Male* [Comportamento sexual no humano masculino] (1948) e *Sexual Behavior in the Human Female* [Comportamento sexual no humano feminino] (1953). (N. T.)

1. Ver a Edição de 75º Aniversário da revista *Good Housekeeping*, maio de 1960, “The Gift of Self” [O dom do *self*], um simpósio de Margaret Mead, Jessamyn West *et al.*

2. Lee Rainwater, Richard P. Coleman e Gerald Handel, *Workingman’s Wife* [A esposa do trabalhador], Nova York, 1959.

3. Betty Friedan, “If One Generation Can Ever Tell Another” [Se uma geração pode entender a outra], *Smith Alumnae Quarterly*, Northampton, Mass., inverno de 1961. Tomei ciência pela primeira vez do “problema sem nome” e de sua possível relação com o que acabei chamando “mística feminina” em 1957, quando preparei um extenso questionário e conduzi uma pesquisa com minhas próprias colegas de classe na Smith quinze anos depois de formadas. Esse questionário foi utilizado mais tarde por turmas de ex-alunas da Radcliffe e de outras faculdades femininas com resultados semelhantes.

4. Jhan e June Robbins, “Why Young Mothers Feel Trapped” [Por que jovens mães se sentem presas], *Redbook*, setembro de 1960.

5. Marian Freda Poverman, “Alumnae on Parade” [Ex-alunas em destaque], *Barnard Alumnae Magazine*, julho de 1957.